

UM ESTUDO GENEALÓGICO SOBRE A EMERGÊNCIA DO FUTEBOL FEMININO EM PELOTAS

Luiz Carlos Rigo

Professor da ESEF/UFPel

Larissa Zanetti Theil

Acadêmica da ESEF/UFPel e Bolsista PIBIC-CNPq

Flávia Garcia Guidotti

Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos

Apoio: CNPq, REDE CEDES-ME

RESUMO

Este trabalho caracteriza-se como um estudo histórico que busca ajudar a construir as memórias do futebol feminino pelotense. Para isso tomou-se como referência a pioneira experiência ocorrida na cidade em 1950, por ocasião da constituição da equipe do Vila Hilda F. C. e do Corinthians F. C. A metodologia utilizada foi a História Oral, fazendo uso de fontes escritas e orais.

ABSTRACT

This work is characterized as a historical study that looks for to build ace memoirs of the soccer feminine pelotense. In this article it was taken as reference the pioneer experience happened in the city in 1950, for occasion of the constitution of the team of the Town Hilda F. C. and of Corinthians F. C. the used methodology was the Oral History, making use of written sources and of oral sources.

RESUMEN

Eso trabajo es caracterizado por ser un estudio histórico que busca ayudar en la construcción de los Recuerdos del Fútbol Femenino Pelotéense. Para eso utilizamos como referencia la primera experiencia que ocurrió en la ciudad en 1950, por ocasión de la constitución del equipo de la Vila Hilda F. C. y de lo Corinthians F. C. Utilizamos la metodología del Historia Oral, haciendo uso de fuentes grabadas y orales.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de ainda pouco divulgada, a prática do futebol feminino não é um acontecimento recente. Autores, como Richard Giulianotti (2002), assinalam que, em muitos países, ela é praticamente contemporânea ao futebol masculino. No Brasil, tem-se

registros da sua existência em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro já nos anos 30 do século passado. Apesar disso, dentro da historiografia do futebol moderno, são raros os estudos que tratam especificamente do futebol feminino. O caso brasileiro não foge a essa regra. Se compararmos com o futebol masculino, poderíamos dizer que a maior parte das memórias do futebol feminino brasileiro e suas histórias ainda estão por serem contadas¹.

Este estudo parte justamente dessa lacuna existente e tem como objetivo principal contribuir para a construção das memórias do futebol feminino pelotense e brasileiro. Elegemos o ano de 1950 como representativo de uma época, de um período histórico, por dois motivos: primeiro, porque encontramos registros no *Jornal Diário Popular* que apontam Pelotas como palco de uma experiência pioneira com o futebol feminino naquele ano e, segundo, porque, nesse momento histórico, o futebol feminino brasileiro era alvo de censura e proibição por parte do CND – Conselho Nacional de Desporto².

O recorte espacial da pesquisa situa-se na cidade de Pelotas, RS. Em função da sua localização geográfica (cidade portuária) e de algumas particularidades históricas, ela é uma cidade de forte tradição esportiva. A prática do Remo, do Turfe e do Futebol remonta ao final do século XIX e início do século XX e apresenta uma organização similar ao que essas práticas apresentavam no Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo, por exemplo.³

Para desenvolver esse estudo, nos apoiamos nos suportes metodológicos advindos da História Oral, entendida aqui como uma metodologia que, como salienta Thompson (1992), prima pela amplitude e flexibilidade metodológica e valoriza o cruzamento entre fontes escritas, imagéticas e orais. Neste trabalho, além das fontes escritas, fizemos uso de dois depoimentos orais, que possuem um papel estratégico, pois foram eles que nos

¹ Em reportagem publicada no *Jornal da Unicamp* (2003), Eriberto Lessa conta que, na busca que fez junto aos principais jornais de São Paulo sobre a existência do futebol feminino na primeira metade do século XX em nosso país, destacam-se três episódios: o primeiro ocorreu em 1913, em um evento beneficente, em Indianópolis, SP; o segundo foi em 1921, envolvendo "senhoritas de Tremembé e da Cantareira", bairros da zona norte de São Paulo; e, por último, os torneios que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro em 1940, envolvendo predominantemente mulheres do subúrbio carioca. Nesses torneios se formaram times como o "Cassino Realengo" e o "Eva Futebol Clube". Ele comenta também que os torneios foram alvos de polêmicas na imprensa que se estenderam até o ano seguinte, quando a prática do futebol feminino foi proibida em todo o país. (*Jornal da Unicamp*, Universidade Federal de Campinas, 5 a 11 de maio de 2003, p. 12).

² A proibição da prática do futebol feminino tem como referência o Decreto-lei n. 3199 de 14 de abril de 1941, que proíbe as mulheres brasileiras de praticar esportes "incompatíveis com as condições de sua natureza". Essa lei é referendada e melhor especificada na deliberação tomada pelo CND n. 7/65, quando ele estipula que a mulher é proibida de participar das seguintes modalidades esportivas: futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e beisebol. Essa deliberação somente foi revogada em 1979, através da Deliberação n. 10. Para maiores considerações sobre a interferência da legislação brasileira na prática esportiva feminina, consultar: CASTELLANI F., Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas, Papyrus, 1988.

³ Outras considerações referentes a gênese e a tradição do futebol de Pelotas e região, consultar: RIGO L. Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*. Editora Universitária UFPel, 2004.

aproximaram mais das sutilezas e de muitos detalhes peculiares do universo do futebol feminino.

Os cruzamentos realizados entre fontes orais, escritas e imagéticas partem da premissa de que as três modalidades de fontes assessoram a construção de regimes de verdades sem que exista a superioridade de uma sobre as outras. Essa pré-condição não exclui as diferenças de natureza e nem as suas singularidades metodológicas de cada uma delas⁴. As recordações advindas dos depoimentos foram tratadas como memórias compartilhadas, que são reconstruídas e adquirem novos significados toda vez que "a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer," (PESAVENTO, 2003, p. 95).

Segundo um discurso foucaultiano esta pesquisa pode ser caracterizado como um "estudo histórico" do tempo presente que visa construir uma genealogia do futebol feminino pelotense⁵. Por estudos do tempo presente entende-se aqueles estudos onde, de acordo com Sandra Pesavento, "os acontecimentos estão a se desenvolver" e, segundo a autora, "o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já acabado, de que se conhecem o fim e as conseqüências", (2003, p.93).

2 ANO DE 1950: UMA HISTÓRIA DE INTERDIÇÃO

Nos anos 50, o Esporte Moderno já fazia parte da cultura urbana da maioria das grandes cidades brasileiras. Pelotas não era uma exceção. Naquele momento, o futebol pelotense já estava popularizado. O estilo esportivo urbano encontrava-se em ascensão. O hábito de exercitar, movimentar e mostrar o corpo tornava-se cada vez mais um costume desejado por homens e mulheres. O discurso esportivo mescla-se aos discursos higienistas

⁴Sobre a associação de fontes orais com fontes de outra natureza e um panorama dos novos desafios teóricos metodológicos colocados para o campo da História Oral, consultar: FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI (Orgs). História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

⁵No campo da história algumas controvérsias quanto as contribuições do pensamento de Michel Foucault deram-se em torno de aceitar os seus estudos como pesquisas históricas. Sobre isso Salma Muchail irá dizer que o que Foucault realiza é "um peculiar cruzamento entre a atividade do filósofo e a do historiador, na medida em que, diferentemente da prática filosófica de pensar a história, pensa filosoficamente ao praticar a investigação histórica" (2000, p. 234). Outras considerações sobre essa discussão podem ser encontradas em: VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*; Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995. E em: FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, Roberto (Org.) *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

e eugenistas⁶; amplia-se a inserção social da mulher, que começa a deixar de ser apenas assistente e passa a aderir ao ethos esportivo moderno, agora também como atleta, pelo menos em certas modalidades esportivas⁷.

É nesse contexto de adesão das mulheres às práticas esportivas que, no ano de 1950, Pelotas torna-se palco da pioneira experiência de organização de duas equipes de futebol feminino. Antes desse acontecimento tem-se conhecimento de que a prática do futebol feminino na cidade resumia-se a uma ou outra exibição esporádicas, onde predominava mais o sentido exótico do que o esportivo. Um exemplo dessas exibições encontramos no Jornal Opinião Pública do dia 14 de Janeiro de 1930, quando ele relata que no dia anterior durante uma sessão do Circo Queirolo, após a exibição tradicional da companhia, “deram entrada no picadeiro dois quadros de Futebol Feminino,” improvisando um Bra-Pel que terminou com a vitória do G. E. Brasil por 1 X 0.

Tendo como referência os registros do Jornal Diário Popular e o Depoimento Oral de Norma Brechane (2004)⁸, iremos narrar e analisar algumas peculiaridades presentes nesse futebol feminino brasileiro e pelotense dos anos 50.

As equipes pertenciam ao Vila Hilda Futebol Club e ao Corinthians Futebol Club, dois clubes de bairro que mantinham também times masculinos e possuíam uma estrutura com sede social e campo próprios. O Vila Hilda localizava-se no Bairro Fragata, e o Corinthians, na Vila Santa Teresinha.

O primeiro registro de jornal que trata do futebol feminino na cidade é uma matéria no Jornal Diário Popular de 16 de maio de 1950, que noticia a existência das duas equipes e comenta o treino de ambas para o jogo de estréia, que ocorreria no mês seguinte.

As duas equipes foram fundadas praticamente juntas, em abril de 1950⁹. A maioria das jogadoras eram jovens entre 13 e 18 anos que pertenciam à classe média baixa e residiam nos próprios bairros onde os clubes estavam situados. Pelo depoimento de Norma, percebe-se que a iniciativa contou com o apoio significativo de jogadores e diretores dos

⁶ Uma análise mais detalhada sobre o discurso higienista e a sua intervenção na construção do corpo e da sexualidade da mulher brasileira nos anos 30 e 40 pode ser encontrada no livro de Silvana Goellner, *Bela, Materna e Feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí :Ed. Unijui, 2003.

⁷ Maiores considerações referentes à inserção da mulher brasileira em práticas esportivas na condição de atleta, consultar o artigo de Ludmila Mourão, "Representação Social da Mulher Brasileira nas Atividades Físicas Desportivas: de 1870 a 1950", (2000).

⁸ Entrevista concedida por Norma Brechane em sua casa, no bairro Laranjal, em Pelotas, em outubro de 2004. Norma participou dos jogos de 1950 e atuou tanto pelo time do Vila Hilda como pelo Corinthians.

⁹ O Jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre, em matéria publicada no dia 13 de setembro de 1950, assinala que o Corinthians foi fundado no dia 4 de abril de 1950, e o Vila Hilda, dois dias depois.

clubes: "Quem incentivou mais foi o pessoal dali mesmo. A gente começava a alcançar a bola pra eles e chutava, aí eles começaram: 'bem que a gente podia fazer um jogo, fazer um time feminino'. Não sei se lá em Porto Alegre já tinha? Então as gurias começaram: 'Ah! Eu quero jogar'. Aí foi assim que surgiu!" (BRECHANE, 2004).

Depois de formados os grupos, começaram os treinos dos dois times visando entrosar as jogadoras para a partida de estréia. Os técnicos das duas equipes eram jogadores ou ex-jogadores dos quadros masculinos dos respectivos clubes. Dona Norma nos contou que eram realizados dois treinos semanais: um composto por exercícios físicos, noções táticas e execução de fundamentos, e outro em que jogavam as reservas contra as titulares. Apesar de possuir seu próprio campo, os treinos do Vila Hilda aconteciam no atual campo do G. A. Farrroupilha e no campo do quartel do Bairro Fragata. Já o Corinthians F. C. costumava treinar em um campo na Vila Teresinha, local em que se localizava a sede social do clube¹⁰.

No mês de maio de 1950, o Jornal Diário Popular começou a noticiar o início dos treinos das duas equipes. A primeira matéria recebeu o título de "Pronta a equipe feminina de futebol do Corinthians"¹¹ e trouxe uma fotografia das atletas dessa equipe. Em uma passagem, a matéria comenta que:

Pelotas desportiva conhecerá em breve, Gelsi centro atacante, elemento de grande qualidade. Controla a bola com precisão, tendo a oportunidade de traduzir as suas qualidades com a feitora do ensaio de domingo, que terminou com vitória das titulares de 5 a 2. A equipe feminina do Corinthians F. C., deverá estreiar frente à equipe do Vila Hilda F. C., outro conjunto que está ensaiando com entusiasmo. (Idem, p. 05).

A atenção que a imprensa local dedicava ao futebol feminino revela a importância que ele estava adquirindo para a cidade. É interessante observar, nesse sentido, como o Diário Popular, principal jornal da cidade, concedia espaços consideráveis aos treinos que antecederam a estréia das duas equipes. De tamanho significativo, as matérias costumavam destacar os nomes das atletas, o placar e alguns detalhes técnicos. Às vezes, como foi o caso da matéria citada, as notícias vinham ilustradas também com fotografias.

De acordo com o Diário Popular do dia 7 de Junho, o jogo de estréia entre as duas equipes ocorreu na tarde do dia 8 de julho de 1950 no Estádio Bento Freitas (Estádio do

¹⁰ Dona Norma nos disse que a preferência de campo para os treinos se dava pelo fato de o campo do Vila Hilda ser um campo aberto, enquanto os outros eram campos fechados.

¹¹ Jornal Diário Popular, 16/05/1950, p. 05.

Grêmio Esportivo Brasil) e teve como preliminar uma partida amistosa entre o G. E. Brasil e o Esporte Club Rio Grande, da cidade vizinha de Rio Grande.

Essa partida se caracterizou como uma "festa social-esportiva"¹², que pretendia promover o futebol feminino na cidade e na região. Objetivo que aparece na reportagem do jornal dois dias depois quando destaca que "a curiosidade do público foi enorme, não pelo que o futebol técnico pudesse ver, mas pelo ineditismo do acontecimento esportivo, único em nossa cidade,"(Diário Popular, 9 de Julho de 1950, p. 05).

O ineditismo fez com que este fosse assunto também de uma reportagem de duas páginas publicada na Revista dos Esportes daquele ano. Um trecho da reportagem diz que "o encontro teve tamanha repercussão que atraiu, inclusive, dois elementos da imprensa do Chile que, de volta do Rio de Janeiro, onde foram assistir algumas partidas da 'Copa do Mundo', foram atraídos pelo interessante encontro feminino." (Revista dos Esportes, 1950, p.5)¹³.

Apesar de o resultado e os aspectos técnicos e táticos do jogo não serem o que mais interessava naquele momento, a cobertura feita pelo jornal traz uma síntese dos principais lances da partida, descrevendo-a assim:

O resultado foi um empate de 1 a 1. Aos 19 minutos a bola sobrou, na área do Vila Hilda para Gelsi a qual procurou atirar ao arco já desvanecido a seguir Joanete, ao procurar afastar o perigo teve a infelicidade de atirar em sua própria meta. O empate surgiu aos 25 minutos, a ponteiro Nair, dona de bom chute bateu um tiro de canto, a bola desceu na área e registrou-se "melée", dele se aproveitando Carmem para empatar a partida. (Diário Popular, 9 de Julho, p. 05).

2.1 OUTROS JOGOS, EXCURSÕES E A INTERDIÇÃO

Após a estréia, os dois times voltaram a se enfrentar novamente em Pelotas, no dia 26 de agosto, no campo do Club Atlético Bancário, quando venceu o Vila Hilda por 2 a 0, gols marcados por Nair e Inês (gol contra). A preliminar dessa partida foi entre C. A. Bancário e Cometa F. C. Segundo o Diário Popular, a renda desse jogo foi de Cr\$ 3.940,00. (Diário Popular, 27 de Agosto de 1950, p. 5.) Além dos jogos realizados em

¹² Terminologia usada pelo Jornal Diário Popular na matéria intitulada "Amanhã na Baixada, o sensacional choque feminino", publicada na véspera do evento. Essa mesma matéria, entre outros pontos, destaca que a festa "social-esportiva" contaria com uma banda de música para animar o intervalo dos jogos e que seria uma homenagem ao prefeito Dr. Joaquim Duval. Ela traz ainda o nome completo das atletas das duas equipes femininas e o valor dos ingressos, que foi assim estipulado: Cadeiras – Cr\$ 25,00; Pavilhão – Cr\$ 15,00; Geral – Cr\$ 8,00; Menores, colegiais, fardados e senhoras – Cr\$ 5,00. (Jornal Diário Popular 7/Julho/1950, p.05).

¹³ A Revista dos Esportes era uma revista esportiva de cunho regional que foi publicada em Pelotas, entre os anos de 1948 a 1958.

Pelotas, as duas equipes fizeram excursões para outras cidades. No dia 23 de novembro, o Jornal Diário Popular comenta que "os quadros locais jogaram em nossa cidade, Rio Grande, Porto Alegre e Novo Hamburgo", (p. 5) E acrescenta que a "ida à capital do estado, fez despertar um grande entusiasmo pelo futebol feminino", (Idem, p. 5). Dona Norma nos disse que participou de duas dessas excursões. Com a autoridade de quem esteve lá, contou-nos que em Rio Grande fizeram um jogo de exibição (entre o Vila Hilda e o Corinthians) e em Porto Alegre, jogaram contra as esquadras do Amazonas e do Tiradentes. "Porque nós jogamos num domingo e depois de dois dias nós jogamos de noite, com esse outro time ... Como é?... o Tiradentes," (BRECHANE, 2004). Norma lembrou que apesar de só a equipe feminina jogar, alguns dirigentes viajavam junto. Ela também comentou que era a diretoria dos clubes que organizava as viagens e ajudava a custear os gastos.¹⁴

As excursões esportivas, envolvendo jogos demonstrativos ou amistosos, foram uma prática que também esteve presente no futebol masculino no início do século XX, quando os clubes pioneiros propuseram-se a difundir o futebol.

Ao que tudo indica, o interesse maior era difundir o futebol feminino e transformar Pelotas em um pólo irradiador dessa prática. A matéria que noticia a estréia de Vila Hilda e Corinthians evidencia um pouco esse interesse quando salienta que:

O Corinthians F. C. vem mantendo correspondência com as Rádios Globo, Nacional e Tamoio do Rio de Janeiro, Farroupilha e Gaúcha da capital do Estado, com o Diário de Notícias e até mesmo com a "Revista Del Esporte" de Montevidéu, as quais solicitam pormenores e fotografias do conjunto feminino, o que vem a demonstrar, de forma exuberante, o interesse que o inédito fato vem despertando em todos os recantos do País. (Diário Popular, 26 de Maio, 1950, p.5).

Após uma série de treinos, jogos e excursões, que se estenderam de maio a novembro de 1950, o futebol feminino no Estado mostrava-se em ascensão; além de aumentar o número de equipes (Vila Hilda, Corinthians, Amazonas, Renner e Tiradentes¹⁵), ele havia conquistado a simpatia do público e ocupado um espaço significativo na imprensa de Rio Grande, Pelotas e de Porto Alegre. Mas, foi justamente

¹⁴ Sobre os confrontos entre Vila Hilda e Corinthians no ano de 1950, o Jornal Folha da Tarde do dia 13 de setembro desse mesmo ano noticia que, até aquela data, as duas equipes haviam se enfrentado cinco vezes, sendo duas em Pelotas, uma em Rio Grande, uma em Porto Alegre e uma em Novo Hamburgo. Os resultados desses confrontos foram, um empate em 1 x 1, outro em 0 x 0, duas vitórias do Corinthians – uma por 1 x 0 e outra por 2 x 0 – e uma vitória do Vila Hilda por 2 x 0.

¹⁵ Durante a entrevista, Dona Norma nos falou que, na época, existiam dos times femininos em Porto Alegre, o Tiradentes e o Amazonas. Consultando o Diário Popular de 1950 e 1951, encontramos também a notificação da existência da equipe do Renner.

nesse momento, de ascensão do futebol feminino, que o CND entrou em cena cobrando que fosse cumprido o decreto-lei em vigor que proibia a prática desse esporte por mulheres, em todo o País. Em matéria publicada no dia 23 de novembro, o Jornal Diário Popular reproduz um trecho da notícia que fora publicada no Jornal Folha da Tarde de Porto Alegre comentando, justamente, que "quando maior era a atividade dos clubes femininos em nosso estado, eis que o C.N.D., em nota fornecida hoje, anunciou a proibição de jogos de futebol feminino em todo o país, por achar que o referido não se coaduna com a forma física do 'belo sexo'". (Jornal Diário Popular, 23/11/1950, P. 5). Mais adiante, a mesma matéria denuncia: "foi então que se observou a tristeza e a revolta que ficaram possuídos os responsáveis e as praticantes." Dona Norma recordou esse episódio intervencionista e lamentou: "quando tava bom, quando a gente estava gostando, terminou," (BRECHANE, 2004).

Após essa data, o Jornal Diário Popular não faz mais nenhuma menção a treinos, jogos ou excursões nem do Vila Hilda F. C., nem do Corinthians F. C. Sobre o futebol feminino, encontramos nova referência somente no dia 4 de julho do ano seguinte (1951), na matéria intitulada "Jogaram dia 12 as porto-alegrenses". Esta destaca que "embora o C.N.D. tivesse proibido os jogos entre as equipes femininas de futebol, a imprensa da capital do estado está anunciando que os dois quadros – Renner e Tiradentes (–) jogaram dia 12". Na seqüência, em tom legalista, a matéria questiona: "E a proibição???? Será que as leis esportivas neste país estão fadadas a não serem cumpridas rigorosamente???" (Diário Popular, 4 de Julho de 1951, p. 5).

3 UM FUTEBOL ALÉM DE SEU TEMPO

Ah! Nós queríamos, também, usar essas botinas... É, porque nós usávamos era tênis,... mas nós queríamos usar era chuteira, que as gurias lá em Porto Alegre parece que usaram chuteira. (BRECHANE, 2004).

A experiência pioneira do futebol nos anos 50 serve de indicador para pensarmos uma ainda desconhecida genealogia do futebol feminino brasileiro, assunto que diz respeito a aspectos internos da constituição histórica dessa prática e também aos embates conjunturais da nossa sociedade, disputas que envolvem relações de gênero e de poder. O que, em um mesmo momento histórico, é permissivo e incentivado para um sexo é proibido e interdito para o outro.

Nesse sentido, é interessante observar que, em um primeiro momento, a iniciativa do Vila Hilda e do Corinthians contou com o apoio considerável da imprensa, dos

diretores dos clubes, dos familiares das jogadoras e da sociedade de uma maneira geral, e parecia não preocupar o CND. Afinal, tratava-se apenas de um grupo de meninas, em sua maioria ainda adolescente, praticando um exótico futebol com sapatos de basquetebol, em dias de "festa social-esportiva". Nota-se que a intervenção do CND ocorreu em um momento em que o futebol feminino começava a se estruturar de modo a se constituir em uma modalidade esportiva de abrangência nacional. Essa intervenção se deu justamente quando se começou a cogitar a possibilidade dos times locais excursionarem para outros estados ou mesmo para fora do país; quando o Vila Hilda e o Corinthians formavam os seus respectivos departamentos de futebol feminino, compostos apenas por mulheres; e quando as jogadoras começavam a reivindicar o uso de chuteiras.

Em síntese, pode-se afirmar que o futebol feminino passou a ser visto pelo CND como uma prática ilícita somente quando deu sinais de que poderia se estruturar como uma modalidade esportiva feminina, conquistando mais autonomia perante os homens e fazendo reivindicações que até então eram restritas ao futebol masculino. O CND "entrou em campo" e fez com que a lei fosse cumprida, antes que fosse tarde demais, quando aquelas experiências isoladas passaram a representar um afronte aos costumes sociais da época que restringiam a mulher ao espaço privado, vigiavam a vestimenta e disciplinavam o seu corpo feminino. Nesse sentido construiu-se o discurso que a prática do futebol não era condizente com a mulher – principalmente se jogado com chuteiras!

O episódio ocorrido em 1950 não diz respeito apenas ao mundo do futebol, ele está inserido em um contexto histórico-cultural do País que envolve o movimento feminista e suas lutas emancipatórias. De certa forma, a atitude do CND estava em sintonia com os valores e com a moral da época. Segundo Margareth Rago (2002), no Brasil dos anos 50 ainda predominavam os discursos higienistas vigilantes da sexualidade e do corpo da mulher brasileira. A autora salienta que no Brasil e em muitos outros países é somente no início dos anos 70 que vai haver uma redefinição do "lugar social e sobretudo sexual da mulher", (RAGO, M. 2002, p. 193.).

A proscrição do futebol feminino brasileiro e a intervenção direta para proibir experiências como a de Pelotas mostra um pouco do quanto o corpo e o esporte moderno tornaram-se também alvos de interesse de toda uma estratégia de poder, que opera junto as populações com o intuito de controlar a vida, disciplinar os corpos, estereotipar papéis e controlar a sexualidade. Ou seja, o corpo e o esporte cada vez mais, passam a fazer parte daquilo que Michel Foucault (2006) nomeou de uma "governamentalidade", que, segundo ele, pode ser entendida como uma arte de governar bastante peculiar, que emerge nas

sociedades ocidentais modernas, que se caracteriza por intervir diretamente junto a população, instituindo novas formas de vida. O autor destaca que “a população aparecerá como sujeito das necessidades, de aspirações, mas também como objeto entre as mãos do governo, consciente diante do governo, do que ela quer, e inconsciente, também, do que lhe fazem fazer”, (FOUCAULT, 2006, p. 300)¹⁶.

Mais do que uma questão específica de permissão ou não do futebol feminino o que estava em jogo era a possibilidade da mulher ampliar a sua inserção no espaço público e fugir de certos estereótipos sociais que atuavam sobre seu corpo e sua sexualidade. É interessante analisar como uma experiência, localizada no extremo sul do país, passou a ser vista como perigosa e merecedora de uma intervenção direta de parte do CND, somente quando ficou evidente que não se tratava de mais uma exótica e passageira exibição de futebol feminino, como era comum de acontecer em diferentes lugares do país. Tratava-se de tensões de gênero e de relações poder que apareceram imbricadas a possibilidade do futebol feminino se estruturar e se consolidar como uma prática esportiva extensiva a todo território nacional.

Quanto ao futuro do futebol feminino pelotense Marcos Barbosa¹⁷, atual técnico da equipe feminina do Esporte Clube Pelotas, enfatizou que após essa inusitada experiência ocorrida ainda em 1950 a sua retomada somente irá ocorrer no final dos anos 80, início dos anos 90, concomitante a sua reaparição em quase todo o território nacional.

Me dou o direito de dizer que tenho um conhecimento razoável do que vocês consideram a nova fase do futebol feminino. Depois desses registros históricos lá da década de 50, o Pelotas F. C. lançou o futebol de campo aqui no início de 90, e posso garantir pra vocês: pode ter tido um ou outro jogo, mas a primeira equipe que jogou uma temporada foi a do Pelotas. (BARBOSA, M. 2005).

Apesar do futebol feminino brasileiro ter deixado de ser alvo de interdição, sua consolidação continua sendo um desafio. Boa parte da discriminação e dos preconceitos que ele continua enfrentando, certamente, tem a ver com os 30 anos de proibição e de desqualificação que ajudaram a construir uma moral sexista alicerçada no discurso de que mulher não combina com futebol.

¹⁶ Para maiores considerações sobre esta singular forma de intervenção política; suas estratégias e suas práticas de Biopoder consultar: “A “Governamentalidade”, In: Michel Foucault, Estratégia, Poder – Saber, coleção Ditos & Escritos, volume IV., Forense Universitária, 2006.

¹⁷ Entrevista concedida por Marco Barbosa em Setembro de 2005, nas dependências do Estádio do Esporte Clube Pelotas. Marcos Barbosa é uma das pessoas que mais tem atuado junto ao futebol feminino pelotense, tendo assumido várias vezes o cargo de técnico e o de responsável pelo departamento de futebol feminino junto ao Esporte Clube Pelotas.

IMAGENS DO FUTEBOL FEMININO PELOTENSE EM 1950

ANÚNCIO DO PRIMEIRO JOGO



Na véspera do primeiro jogo o jornal destaca que na preliminar o E. C. Brasil irá enfrentar o E. C. Rio Grande. Fonte: Diário Popular, 8 de Julho de 1950.

A PRIMEIRA PARTIDA



O primeiro jogo entre o Vila Hilda e o Corinthians ocorreu no dia 08 de julho de 1950, no Estádio Bento Freitas (G. S. Brasil). A multidão na arquibancada indica a adesão que o evento teve. Fonte: Jornal Diário Popular, 9 de Julho de 1950.

OS TREINOS



Os treinos físicos, técnicos e táticos que ocorriam duas vezes na semana, assinalam a presença do ethos esportivo moderno, naquelas práticas de futebol feminino. Fonte: Jornal Diário Popular, 25 de Maio de 1950.

A ORGANIZAÇÃO



Fonte: Jornal Diário Popular, 31 de Maio de 1950.

A INTERDIÇÃO



Fonte : Jornal Diário Popular, 13 de Julho de 1950.

4 Referências bibliográficas

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas: Papyrus, 1988.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da Excitação.** Lisboa: DIFEL Difusão Editora, 1992.

FERREIRA, M. de Moraes; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, Roberto (Org.). **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____, A "Governamentalidade" In: BARROS DA MOTTA, Manoel. Foucault, Michel: Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos: IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana, V. **Bela, materna e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MOURÃO, Ludmila. Representação Social da Mulher Brasileira nas Atividades Físico-desportivas: de 1870 a 1950. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 2000, Gramado, RS. **Anais.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Escola Superior de Educação Física, 2000, p. 384-389.

MUCHAIL, Salma. A leitura dos filósofos. In: CASTELO BRANCO, G; PORTOCARRERO, V. **Retratos de Foucault.** Rio de Janeiro: Nau, 2000. p. 233-243.

PESAVENTO, Sandra, J. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RAGO, Margareth. Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do ‘Amor Venéris’. Projeto história: **Revista do programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História – PUC-SP**, São Paulo, n. 25, p. 181-194, dez. 2002.

RIGO, L. Carlos. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

Outras Fontes

Jornal Opinião Pública, Pelotas, RS. 14 de Janeiro de 1930.

Jornal Diário Popular, Pelotas, RS. 16 de Maio de 1950.

Jornal Diário Popular, 25 de Maio de 1950.

Jornal Diário Popular, Pelotas, RS. 26 de Maio de 1950.

Jornal Diário Popular, Pelotas, RS. 31 de Maio de 1950.

Jornal Diário Popular, Pelotas, RS. 7 de Julho de 1950.

Jornal Diário Popular, Pelotas, RS. 8 de Julho de 1950.

Jornal Diário Popular, Pelotas, RS. 9 de Julho de 1950.

Jornal Diário Popular, Pelotas, RS. 13 de Julho de 1950

Jornal Diário Popular, Pelotas, RS. 27 de Agosto de 1950.

Jornal Diário Popular, Pelotas, RS. 23 de Agosto de 1950.

Jornal Diário Popular, Pelotas, RS. 4 de Julho de 1951.

Jornal A Tarde, Porto Alegre. 13 de Setembro de 1950.

Jornal da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) 5 a 11 de Maio de 2003.

Revista dos Esportes; Eliseu de Melo Alves e Geraldo M. Alves. (Diretores); Pelotas, RS. Ano 2, n 25 Julho de 1950.

Entrevistas

BRECHANE, Norma,. Entrevista; Memórias do futebol feminino pelotense, Outubro, 2004.

BARBOSA, Marcos, 2005. Entrevista; A retomada do futebol feminino em Pelotas, Setembro, 2005.

Contatos:

Luiz Carlos Rigo
Rua Gonçalves Chaves, 3063/503 A
CEP 96015-560 - Pelotas - RS
e-mail: lcrigo@terra.com.br